

O papel da memória na história oral e na escuta de narrativas

The memory's role in the oral history and in the narrative telling

El papel de la memoria en la historia oral y la escucha de narraciones

Gisele Dutra Quevedo¹

Juliane Conceição Primon Serres²

Resumo: O presente artigo apresenta e analisa um conjunto de contribuições teórico-analíticas acerca da memória e da importância dela para a compreensão das narrativas presentes nos discursos de história oral temática. A metodologia utilizada será uma análise de revisão bibliográfica e considerações sobre o tema.

Palavras-chave: História Oral; Memória Individual; Memória Social.

Abstract: The following article presents a combination of theoretical analysis contributions about the memory and its importance for the understanding of the current narrative in the thematic oral history speech. The methodology used is going to be an analysis of references and consideration towards the theme.

Keywords: Oral History; Individual Memory; Social Memory.

Resumen: Este artículo presenta y analiza un conjunto de aportes teórico-analíticos sobre la memoria y su importancia para la comprensión de las narrativas presentes en los discursos temáticos de historia oral. La metodología utilizada será un análisis de revisión bibliográfica y consideraciones sobre el tema.

Palabras llave: Historia Oral; Memoria Individual; Memoria Social.

Este texto busca situar a importância da memória para a compreensão de narrativas presentes em discursos de história oral temática. A memória é composta pela aquisição, conservação e a evocação de informações e está relacionada à aprendizagem que é a obtenção

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Mestre e graduada em História. e-mail: gisele.quevedo.ppgmspc@gmail.com

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2009), Mestra em Museologia pela Universidad de Granada - Espanha (2010), Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2004) e Bacharel em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2001). Docente permanentena Universidade Federal de Pelotas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e no Curso de Graduação em Museologia. e-mail: julianeserres@gmail.com

de novos conhecimentos, pois utiliza o processo de memorização para reter tais informações no cérebro. Um aspecto importante trabalhado por diversos autores está relacionado ao papel das emoções e sua relação com os estudos da memória.

Dessa forma, os conceitos da formação, transmissão e compartilhamento tanto das memórias individuais como coletivas são fundamentais para a compreensão das narrativas presentes na história oral temática.

Neste artigo, busca-se analisar o conceito de memória desde o campo individual ao coletivo. Para tanto, estrutura-se em cinco eixos, no primeiro discute-se as teorias de Ivan Izquierdo (1989) sobre a aquisição, conservação e evocação das memórias, no segundo estuda-se as teorias de Paul Ricouer (2007) sobre a referência com o tempo e o passado, ao qual só temos acesso através da memória, e o que o autor denomina de justa memória. No terceiro, apresenta-se as teorias de Henry Bergson (1999) sobre o cone da memória, que segundo o autor, contém muitas camadas de memórias, onde se armazena todo o passado. No quarto eixo analisamos as discussões de Maurice Halbwachs (1973, 2003, 2004) sobre os quadros sociais da memória e a memória coletiva, por fim, os níveis de compartilhamento da memória e importância dos sociotransmissores de Joel Candau (2010, 2011, 2020). Esses eixos permitem refletir sobre as contribuições dos estudos da memória para a história oral, mais especificamente, a história oral temática.

A história oral temática é uma abordagem que utiliza relatos verbais de pessoas como fonte primária para o estudo e compreensão de certos temas ou eventos históricos. Ao contrário da história oral tradicional, que se concentra nas experiências de vida de um indivíduo, a história oral temática busca reunir depoimentos de várias pessoas que vivenciaram ou testemunharam um mesmo assunto específico.

Essa abordagem valoriza a diversidade de perspectivas e permite uma análise comparativa das narrativas, revelando diferentes pontos de vista, experiências e memórias relacionadas a um determinado tema. Através dessas narrativas, é possível obter informações valiosas sobre o passado, preenchendo lacunas históricas e ampliando o conhecimento sobre eventos, práticas culturais, movimentos sociais e outras temáticas relevantes.

A memória desempenha um papel crucial na história oral temática, pois é por meio dela que os indivíduos reconstroem suas experiências passadas e as apresentam em forma de narrativas. As memórias individuais são moldadas por fatores como a percepção pessoal, as

emoções vivenciadas e as influências sociais, o que contribui para a diversidade de relatos compreendidos sobre um mesmo tema.

Além disso, as memórias coletivas também desempenham um papel significativo na história oral temática, uma vez que são construídas e compartilhadas por grupos sociais, comunidades. Essas memórias coletivas podem refletir a identidade de um grupo, suas tradições, valores e visões de mundo, proporcionando uma compreensão mais profunda das narrativas presentes na história oral temática.

Em suma, a história oral temática é uma abordagem que se baseia na memória como uma ferramenta fundamental para a compreensão e interpretação de narrativas relacionadas a um tema específico. Ao explorar as memórias individuais e coletivas, essa metodologia oferece uma perspectiva enriquecedora para a construção do conhecimento histórico, permitindo uma maior diversidade de vozes e experiências no processo de investigação e reconstrução do passado. Dessa forma, este artigo se dispõe a abordar diferentes autores e conceitos que nos ajudam a compreender estes temas e como a memória é um elemento importante na metodologia de história oral temática.

1 Funcionamento da memória

A Neurociência, como campo de estudo, tem suas raízes na interseção entre a Psicanálise e a Neurobiologia de Sistemas. Seu objetivo é compreender a natureza da memória, incluindo seu local de processamento e os sistemas cerebrais envolvidos. Nesse contexto, uma abordagem inicialmente adotada foi a análise da memória sob a perspectiva neurocientífica, conforme proposto por Izquierdo (1998).

Entre as contribuições de Izquierdo destacam-se a segmentação da memória em três processos distintos: aquisição de informações, conservação e evocação. Além disso, identificou as bases moleculares envolvidas na formação da memória, especialmente na região do hipocampo, uma estrutura essencial para o processo de aprendizagem.

Izquierdo também definiu a memória de curta e longa duração, explorando o universo das lembranças e investigando a influência de estados endógenos, sejam eles psíquicos ou químicos, no processo de recuperação da memória. Suas pesquisas provaram que a memória de curta duração não é a parte inicial da memória de longa duração, mas sim processos que

ocorrem em paralelo, desencadeados nas mesmas células nervosas, porém utilizando mecanismos moleculares separados.

Outra descoberta relevante de Izquierdo e sua equipe em 2013 foi a constatação de que, na velhice e em casos de lesões ou tumores no lobo temporal, ocorrem falhas em um ou outro tipo de memória, principalmente na memória de curta duração. Isso explica por que alguns pacientes têm dificuldade em lembrar de eventos recentes, mas conseguem lembrar de eventos ocorridos há muito tempo. Izquierdo sugeriu que a carga emocional e afetiva impressa em cada recordação poderia ser um fator determinante nessa diferença de desempenho mnemônico. Eventos triviais do dia anterior, dissociados de sentimentos mais profundos, podem não ser retidos com a mesma intensidade que memórias que são impregnadas de emoções e afetos, como aquelas vivenciadas na infância, como o cheiro da mãe ou os aromas de uma comida, o que favorece sua evocação.

Dessa forma, as pesquisas e descobertas de Izquierdo forneceram uma base sólida para o avanço do conhecimento sobre a memória e seus bloqueios no campo da Neurociência, revelando a complexidade desses processos e influência de fatores emocionais e afetivos na formação e recuperação das memórias.

A relação entre a afetividade no processo de rememoração e a teoria de Halbwachs em "A Memória Coletiva" (2003) é bastante relevante para compreendermos como as emoções e os afetos podem influenciar a formação e a evocação das memórias individuais e coletivas. Dessa forma, as pesquisas de Izquierdo e de Halbwachs convergem ao ressaltar a importância da carga emocional e afetiva na formação e evocação das memórias. Enquanto Izquierdo explora o controle neurobiológico subjacente à memória individual, Halbwachs destaca a dimensão social e coletiva da memória. Ambos apontam que as lembranças mais marcantes e duradouras são aquelas que estão impregnadas de emoções e afetos, seja no âmbito individual ou coletivo.

De acordo com Izquierdo et al (2013) as memórias individuais estão nas sinapses, que funcionam através da liberação de neurotransmissores que se ligam a proteínas específicas chamadas de receptores e que desencadeiam um complexo processo molecular. Entre os neurotransmissores destacam-se: “dopamina, noradrenalina, serotonina e acetilcolina” que “desempenham em geral funções moduladoras, relacionadas com as emoções, o alerta e o estado de ânimo”³. Dessa forma, o autor enfatizou a relevância dos mecanismos ligados à

³ IZQUIERDO, 2013, p. 12.

extensão das memórias e a busca pelo entendimento da sua fase de persistência no hipocampo, comprovando que quanto maior a carga emocional e afetiva impressa a cada recordação, maior será a sua ativação. Nesse sentido, o autor reforçou que as memórias que forem adquiridas em momentos carregados de sentimentos e afetos maior será às possibilidades de sua evocação. Seguindo essa ideia, a psicanalista Jô Gondar (2016) diz que a memória é o campo das representações coletivas, o modo como os indivíduos representam a si, as suas produções e as relações que estabelecem com os demais. E evidencia que o afeto vem em primeiro lugar e as recordações em segundo.

Diante das contribuições e descobertas de Izquierdo, fica evidente a importância da neurociência na compreensão da natureza da memória e dos processos envolvidos. A segmentação da memória em aquisição, conservação e evocação proposta por Izquierdo permitiu uma análise mais aprofundada dos mecanismos moleculares e das bases neurobiológicas da formação da memória.

A compreensão dos mecanismos moleculares e neurobiológicos da memória individual, aliada à compreensão da dimensão social e afetiva da memória coletiva, nos permite ter uma visão mais ampla e integrada dos processos mnemônicos. A neurociência, ao explorar a relação entre a atividade cerebral, os processos cognitivos e os aspectos emocionais, contribui para desvendar a complexidade dos processos mnemônicos e promover avanços no entendimento do funcionamento da memória.

Os estudos sobre a aquisição, conservação e evocação das memórias individuais comprovam que essas serão ativadas e evocadas mais facilmente quando carregadas de emoção e sentimentos. Dessa forma, sabemos que as narrativas serão permeadas por lembranças que evocam principalmente as memórias carregadas de afetos.

2 A memória e sua relação com o tempo e o espaço

A história oral temática é uma abordagem que busca compreender e preservar a memória coletiva de determinados grupos ou comunidades, trazendo à tona suas experiências, histórias e perspectivas por meio de relatos orais. Nesse contexto, um dos aspectos fundamentais é a relação entre memória, tempo, espaço e transmissão da história ao longo das gerações.

Um dos teóricos que trouxe importantes contribuições para o campo da memória foi Paul Ricoeur. Ele explora a interseção entre a memória, o tempo e o espaço, analisando como esses elementos se entrelaçam na construção da narrativa histórica. Sua abordagem enfatiza a importância dos rastros deixados pela memória e como eles moldam a forma como a história é transmitida e compreendida no presente.

O autor propõe a dissociação entre imaginação e memória em busca de uma dimensão verificativa da memória (e da história). De um lado, a imaginação voltada ao fantástico, ao irreal, o ficcional, o utópico, de outro, a memória voltada à realidade anterior. Para explicar recorre aos filósofos Aristóteles e Platão. O primeiro apresenta a função temporalizante quando declara que “a memória é passado”, o que é lembrado, fala da representação de coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida (anterioridade). Enquanto o segundo fala de eikon- representação presente de uma coisa ausente (marca da ausência) e ambos preconizam a inclusão da problemática da imagem na lembrança. Com esses argumentos, Ricoeur (2007) propõe o bloco de cera, definindo como presença da ausência, onde ficariam gravados sensações e pensamentos (coisas que vimos e ouvimos no espírito). Aquilo que foi impresso recordamos e sabemos enquanto sua imagem está ali, ao passo que o que é apagado, ou que não foi impresso, esquecemos. Para Ricoeur (2007), a teoria da impressão, com o nome de rastro, influencia não apenas a teoria da memória, mas também o campo da história (rastros escritos e, eventualmente, arquivados). Halbwachs (2003) e Bergson (1999) falam que a memória necessita de imagens, já Ricoeur (2007) vai ir além e diz que ela deixa rastros, impressões, onde ficam marcadas experiências, quando forem suficientemente fortes.

Para Ricoeur (2007), uma rememoração envolve uma imagem do que foi, uma ideia de similitude, uma vez que não temos acesso direto ao passado. O esquecimento ocorre pelo apagamento dos rastros, das marcas deixadas por algo que não existe mais. O autor distingue dois tipos de lembranças: Mnémé e Anamnésis. Mnémé é uma lembrança que surge espontaneamente, sem esforço, involuntário, afetando o espírito como uma emoção. Por outro lado, Anamnésis é uma lembrança buscada ativamente, geralmente desencadeada por estímulos externos, inspirado um esforço de evocação. Além da perspectiva individual da memória, Ricoeur explora a importância dos pontos de apoio exteriores para a gravação, ou seja, a mundanidade das situações do mundo que estão associadas à memória. Ele propõe três modos mnemônicos para proteger contra o esquecimento: "Lembrar", que envolve a evocação apoiada em outras pessoas ou objetos externos; "Relembrar", que consiste em reviver o

passado por meio de relatos orais e narrativas; e "Recognizing" (reconhecer), que envolve o reconhecimento direto da lembrança como ela mesma, a imagem como um reconhecimento de algo anterior. No entanto, o autor ressalta os perigos dos abusos da memória na compulsão de "nada esquecer". Ele identifica três níveis de compreensão da memória como abuso: memória impedida (utilizando categorias clínicas da psicanálise), memória manipulada (que critica as ideologias) e memórias obrigadas (imposição do dever de memória). Por fim, Ricoeur afirma que o "dever de memória" pode ser uma motivação ético-política para fazer justiça, mas também pode se tornar uma obsessão comemorativa que impede o passado de seguir seu curso natural, gerado em uma espécie de tirania da memória. Assim, ele propõe o conceito de "justa memória" como um equilíbrio entre o desejo de lembrar e a necessidade de esquecimento.

A abordagem de Ricoeur sobre a memória e suas complexidades pode ser associada ao conceito trabalhado por Andreas Huyssen em seu texto "Seduzidos pela memória" (2000). Huyssen também explora o papel da memória na sociedade contemporânea, enfatizando como a memória coletiva e os processos de lembrança moldam nossa percepção do passado. Assim como Ricoeur, Huyssen destaca os perigos dos abusos memoriais, especialmente quando a memória se torna uma força dominante que impede o esquecimento necessário para a construção de uma identidade pós-moderna. Ambos os autores enfatizam a importância de encontrar um equilíbrio entre a necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer, a fim de evitar uma "tirania da memória". Além disso, Huyssen chama a atenção para as manipulações políticas e ideológicas da memória, em que ela é instrumentalizada para fins específicos, distorcendo a compreensão do passado. Nesse sentido, tanto Ricoeur quanto Huyssen mantinham a preocupação de que a memória deveria ser abordada de maneira crítica e reflexiva, a fim de evitar os perigos do revisionismo histórico e das narrativas unilaterais. Ao considerar as perspectivas de ambos os autores, somos convidados a refletir sobre o poder da memória na construção da identidade individual e coletiva, bem como os desafios e responsabilidades que surgem ao lidar com o passado.

De acordo com Huyssen (2000), as práticas de memória cultural não possuem uma intenção política explicitamente; ao contrário, elas refletem a necessidade da sociedade de encontrar uma âncora temporal. Em um contexto em que estamos presenciando a revolução

da informação e uma crescente compreensão do espaço-tempo, a relação entre passado, presente e futuro está passando por experiências, além do que podemos reconhecer ⁴.

Neste sentido, a abordagem de Ricoeur nos convida a refletir sobre como os conceitos de tempo, espaço e rastros se entrelaçam na construção da memória e da história. Ao analisar as narrativas orais, é possível compreender como os eventos passados são reinterpretados e ressignificados pelos sujeitos que vivenciaram e testemunharam tais acontecimentos, assim como a forma como essas narrativas são transmitidas e construídas pelas gerações futuras.

Assim, a história oral temática, aliada aos conceitos de Ricoeur, oferece um meio valioso para explorar e preservar as múltiplas perspectivas e vivências da memória coletiva, garantindo que as histórias individuais e as memórias silenciadas sejam reconhecidas e transmitidas.

3 O cone da memória

Para analisar o conceito de memória e desenvolver sua teoria Bergson (1999), estudou algumas categorias importantes: imagem, matéria, percepção e consciência, mecanismo ação – reação. Para ele, a matéria é um conjunto de imagens, e elas existem independente do sujeito e agem sobre o sujeito. As imagens são aquilo que percebemos quando abrimos os sentidos, e deixamos de perceber quando fechamos.

Preocupa-se em como os indivíduos “reconhecem” as imagens. O reconhecimento ocorre por duas maneiras (ambas passam pela percepção), na própria ação, no movimento, quando emana dos objetos, e por representação, quando emana do indivíduo, o que implica um trabalho do “espírito”, que busca no passado “representações” das imagens úteis à situação presente.

Bergson (1999) explica que o passado se armazena sob duas “formas extremas”: de um lado os mecanismos motores que o utilizam, de outro as imagens-lembranças pessoais que desenham todos os acontecimentos do passado com seu contorno, cor e lugar no tempo.

Assim sendo, as imagens-lembranças são resultado das memórias: uma memória seria responsável por armazenar todo o nosso passado, ordenado, de forma linear, com todos os detalhes, depois de passar pelo filtro da consciência, essas lembranças alcançam a memória da repetição, que traz apenas as lembranças úteis ao presente vivido.

⁴ HUYSEN, 2000, p. 36.

Nesse sentido, o autor afirma que a consciência atual reflete a adaptação do nosso sistema nervoso à situação presente, exerce função de descarte das imagens do passado que não são úteis à ação presente. A consciência filtra as imagens-passado que coordenam a percepção/reconhecimento do presente.

Dessa forma, percepção, lembrança e reconhecimento encontram-se imbricadas. Esse papel da consciência na percepção exterior está na própria definição dos corpos vivos, pois eles têm por objeto receber excitações para elaborá-las em reações imprevistas (mecanismo ação-reação). Essas reações não são, entretanto, ao acaso. Se inspiram em experiências passadas, de forma que a reação não se faz sem apelo à lembrança de situações análogas. Nesse sentido divide a lembrança em adquirida e espontânea: a primeira, conquistada pelo esforço, permanece sob a dependência da nossa vontade, e a segunda é vinculada à memória que armazena todos os acontecimentos do passado e presta um único serviço à primeira: mostrar as imagens daquilo que precedeu ou seguiu situações análogas à situação presente, a fim de esclarecer as escolhas. Nisto consiste a associação de ideias. Já o reconhecimento é o ato concreto pelo qual reavemos o passado no presente.

Para tentar acompanhar o movimento progressivo pelo qual o passado e o presente entram em contato Bergson (1999) definiu: lembrança pura, lembrança imagem, duração e o cone da memória. A lembrança pura é a que não diz respeito a nenhuma parte do meu corpo, representação de um objeto ausente (isso nos lança no domínio da metafísica). Já a lembrança imagem é a que se encarna na percepção. Ocorre quando nossa memória escolhe diversas imagens análogas que lança na direção da percepção, culminando no reconhecimento e se estende ao mesmo tempo sobre o passado e o futuro. No cone da memória há muitas camadas de memórias, que contém todo o passado. Quando as lembranças provocadas pelo mecanismo motor no presente da ação, serão acessadas de acordo com o momento presente da ação. Não se trata, portanto de nos colocarmos numa região do passado que conteria tais elementos do passado, em relação a outra que conteria outros elementos. Trata-se de níveis distintos, cada um contendo todo o passado. Dessa forma, o conceito de cone da memória é importante, pois permite que essas camadas de memória possam ser acessadas durante as narrativas.

Bergson (1999) distingue ainda a memória hábito e imagem-lembrança. A primeira é a lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de hábito. Como tal é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Exigiu primeiro decomposição da ação e depois recomposição da ação total. Impulsiona movimentos automáticos, é uma

memória-ação. Exige tempo determinado, o tempo da ação. Já a segunda, ao contrário, a lembrança de tal leitura particular, não tem nenhuma das características do hábito. É como um acontecimento de minha vida; contém, por essência, data, e não pode conseqüentemente repetir-se. Diz respeito a uma intuição do espírito que posso alongar ou abreviar, a qual atribuo duração arbitrária. Essa é geralmente a memória que evocamos nas narrativas.

A metodologia de história oral temática é uma abordagem valiosa para explorar o conceito de memória, à luz das ideias de Bergson. Ao analisar as categorias de imagem, matéria, percepção e consciência, bem como o mecanismo de ação e reação, Bergson oferece insights importantes sobre a natureza da memória e como ela influencia nossa percepção e reconhecimento.

Bergson enfatiza que as imagens são essenciais para a percepção, e o reconhecimento ocorre tanto pelo meio da ação quanto pelo meio da representação. Isso implica que a memória desempenha um papel fundamental na forma como interpretamos e compreendemos as imagens. Através da memória, acessamos as imagens-lembranças que são úteis para a situação presente.

A consciência desempenha um papel crucial na filtragem das imagens do passado que são relevantes para a ação presente. A memória, então, armazena todas as nossas experiências passadas, mas a consciência seleciona apenas aquelas que são pertinentes ao momento atual. Essa interação entre percepção, lembrança e reconhecimento destaca a complexidade da memória e sua influência na forma como vivenciamos o presente.

Ao utilizar a metodologia de história oral temática, é importante considerar esses pontos teóricos de Bergson. A noção de que todas as memórias estão contidas em cada nível do cone da memória é particularmente relevante. Essa perspectiva permite acessar diferentes aspectos do passado durante as narrativas e investigar como as lembranças pessoais se entrelaçam com eventos históricos mais amplos.

Além disso, a distinção feita por Bergson entre memória e imagem-lembrança é relevante na metodologia de história oral temática. A memória habitual está relacionada à repetição de ações automáticas, enquanto a imagem-lembrança é uma gravação singular e personalizada, repleta de detalhes e nuances. Ao entrevistar indivíduos e explorar suas experiências, é possível identificar esses dois tipos de memória e compreender como elas moldam suas narrativas.

Em suma, a metodologia de história oral temática se beneficia das ideias de Bergson sobre memória. A compreensão das categorias de imagem, percepção e consciência, bem como a distinção entre memória hábito e imagem-lembrança, fornece um arcabouço teórico sólido para a análise da memória nas narrativas individuais e coletivas. Ao incorporar esses pontos-chaves, os investigadores podem obter uma compreensão mais profunda da interação entre memória, experiência e interpretação na construção da história.

4 Quadros sociais da memória

O conceito de memória coletiva e dos quadros sociais da memória que mostrou a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo foi abordado de forma pioneira no início do século XX pelo sociólogo Maurice Halbwachs. Ele argumenta que a memória individual é construída e reconstruída através das relações sociais e da participação em grupos sociais, como família, comunidade e sociedade em geral.

Segundo Halbwachs (2003) nunca estamos sós, para ele: “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”⁵. Dessa forma, mesmo que um único indivíduo tenha vivenciado aquele acontecimento, as lembranças acerca dele continuam sendo coletivas, podendo ainda ser evocadas por outros que não necessariamente vivenciaram tais acontecimentos.

Halbwachs (2003) contrapõe Bergson (1999) ao afirmar que a memória não permanece intocável em uma “galeria subterrânea”, mas sim no grupo social, é dele que saem todos os aportes necessários para reconstruir partes do passado. Enquanto para Bergson (1999) a memória se localiza no espírito, para Halbwachs (2003) se encontra nos grupos e na sociedade, mas ambos admitem uma virtualidade da memória.

Sendo assim, para melhor compreender a importância dos conceitos de Halbwachs no uso da história oral, recorreu-se à perspectiva de Michael Pollak (1989), que discute a compreensão de Halbwachs e explora o fenômeno do esquecimento na historiografia das culturas minoritárias. Pollak destaca a contribuição da história oral ao ressaltar a importância

⁵ HALBWACHS, 2013, p. 31.

das memórias subterrâneas⁶, que fazem parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, em contraposição à memória oficial, como a memória nacional⁷.

Embora a história oral não seja mais exclusiva de grupos excluídos, ela continua sendo fundamental para as minorias, pois muitas vezes é a única fonte onde encontramos seus registros. Determinados grupos não eram mencionados em documentos históricos e ainda são negligenciados até hoje. Portanto, o uso da história oral é crucial para registrar a memória desses grupos.

Outro ponto importante, é que no uso da metodologia de história oral precisamos ter consciência que, nas narrativas, além das memórias é preciso analisar a identidade do grupo. Como descreve o autor: “o que está em jogo na memória é, também, o sentido da identidade [...] do grupo”⁸

A metodologia de história oral temática se beneficia dos conceitos de Halbwachs sobre memória coletiva e quadros sociais da memória. A perspectiva de Halbwachs destaca a interconexão entre o indivíduo e o coletivo na construção da memória, argumentando que as lembranças são moldadas e reconstruídas pelo meio das relações sociais individuais e da participação em grupos sociais.

A abordagem de Halbwachs enfatiza que as memórias individuais não dependem de testemunhas materiais e presentes, pois mesmo aqueles que não vivenciaram diretamente certos eventos podem evocar lembranças coletivas compartilhadas. Dessa forma, a memória é vista como um fenômeno coletivo que é constantemente alimentado pela sociabilidade.

Ao contrário da visão de Bergson, que localiza a memória no indivíduo, Halbwachs destaca que a memória reside nos grupos sociais e na sociedade como um todo. Isso implica que a reconstrução do passado requer a contribuição do grupo social, fornecendo os elementos necessários para a evocação das memórias. Embora haja uma virtualidade da memória, ela é ativada e moldada pelos contextos sociais e culturais em que os indivíduos estão inseridos.

Nesse contexto, a história oral desempenha um papel fundamental ao dar voz às memórias subterrâneas de grupos minoritários e marginalizados, desafiando a memória oficial e nacional. Através da história oral, é possível resgatar e registrar as memórias desses grupos

⁶ Memórias subterrâneas referem-se às lembranças e narrativas que são marginalizadas, silenciadas ou esquecidas na memória coletiva dominante de uma sociedade. Essas memórias muitas vezes pertencem a grupos minoritários, excluídos ou oprimidos que não foram registrados representados nas histórias oficiais ou nas narrativas predominantes. As memórias subterrâneas podem conter perspectivas e experiências que desafiam a memória oficial e oferecem uma visão mais abrangente e compartilhada da história.

⁷ POLLAK, 1989, p. 4.

⁸ POLLAK, 1989, p. 10.

que muitas vezes foram negligenciados e excluídos das narrativas históricas tradicionais. A história oral revela-se como uma fonte valiosa para preservar e transmitir a memória dessas comunidades, uma vez que pode ser a única forma de encontrar seus registros.

Além disso, é importante destacar que a identidade do grupo está intrinsecamente ligada às narrativas e memórias coletivas. Ao utilizar a metodologia de história oral, é necessário considerar não apenas as memórias em si, mas também a análise da identidade do grupo. A memória e a identidade são elementos interdependentes, e a compreensão do sentido da identidade do grupo é fundamental para uma interpretação adequada das narrativas orais.

Dessa forma, a associação dos conceitos de Halbwachs com o uso da metodologia de história oral temática enriquece a compreensão da memória coletiva e sua relação com o indivíduo e o grupo social. Através da história oral, podemos ampliar nossa compreensão histórica, dando voz a grupos marginalizados e preservando suas memórias subterrâneas, certamente assim para uma narrativa mais inclusiva e abrangente da história.

5 Níveis de compartilhamento da memória e sociotransmissores

Para Candau (2011) a chave explicativa para a ideia de Halbwachs vem de compartilhamento, que irá permear toda a explicação de como a memória migra do todo para o individual e vice-versa. A memória coletiva só seria possível se todos tivessem a mesma lembrança de um único fato. Mas isso não acontece, pois como vivemos como sujeitos individuais cada um vai ter uma visão diferente de um mesmo fato. Utilizar o termo memória coletiva é uma totalização, como criar um efeito geral para designar conjuntos supostamente estáveis. Exemplo, quando falamos em nação, comunidade ou sociedade, o termo usado para designá-los é retórico e só é estável em sua designação. A única coisa que é atestável é a memória individual, já no campo das representações coletivas ou sociais o que temos é um suposto compartilhamento. Dessa forma, observamos que Candau não apenas discorda da teoria de Halbwachs, mas vai além, complementar muito dos estudos iniciados pelo autor.

Nesse sentido, Candau (2011) define o compartilhamento das memórias em três níveis. O primeiro denominado protomemória, seria aquela de baixo nível, anterior à memória propriamente dita. Não gera arquivos e é inconsciente, no entanto, pode supostamente ser compartilhada, e é procedural. É a memória hábito de Bergson (1999). A segunda é a memória propriamente dita que vêm da evocação e é mais fácil em grupos menores e para

fatos, do que para sentidos conferidos por cada indivíduo. É a que geralmente acionamos quando somos entrevistados, pois está ligada ao nosso fazer, nossos saberes, crença e sentimentos. A terceira que é a metamemória, termo que designa nas neurociências a representação que cada indivíduo tem da própria memória, que se dá como um objeto. É o olhar reflexivo dos processos de memória que um indivíduo é capaz de mobilizar na realização de uma tarefa. É uma memória reivindicada que funciona como motor de coesão, pois acreditamos ser uma memória compartilhada. Dessa forma nutre o imaginário dos membros de um grupo ajudando-os a se pensar como comunidade dotada de uma identidade. No caso das narrativas, é como as pessoas se reivindicam, como querem ser descritas.

De acordo com Candau (2011) a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado. Nesse sentido o autor vai afirmar que uma narrativa construída com uma pessoa em um determinado momento provavelmente será diferente em outro, ou seja, as narrativas são continuamente atualizadas. Nesse sentido, ele vai dizer que a memória engloba os três tempos: presente, passado e futuro, pois ela trabalha com o passado, mas é construída no presente e traz demandas para o futuro. Nas palavras do autor: “porque a memória organiza os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro”⁹Dessa forma, os três tempos estarão sempre presentes nas narrativas.

Candau (2012) questiona "mnemotropismo" contemporâneo, que corresponde a um exagero de memória e desejo de valorizar o passado, tornando-se uma febre comemorativa e arquivística. As sociedades modernas encontram sua origem na “crise do presentismo”: o desaparecimento de referências e a diluição de identidades, dessa forma, produzem a confusão e o esquecimento e são a expressão de um transtorno identitário provocado pela incapacidade de controlar a angústia da perda que acompanha toda a vida humana.

Assim como Ricoeur e Huyssen alertaram para os perigos da “tudo memória” (Memory boom) e da manipulação ideológica do passado, a perspectiva de Candau sobre o "mnemotropismo" contemporâneo também enfatiza a importância de abordar a memória de maneira crítica e reflexiva. É essencial encontrar um equilíbrio entre a necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer, para evitar que a memória se torne uma força dominante que complexifique o presente e impeça o desenvolvimento de uma identidade mais saudável.

Para Candau (2010) os sociotransmissores são um resumo da multiplicidade dos quadros sociais da memória e dos objetos de transmissão, uma vez que favorecem as

⁹ CANDAU, 2011, p. 63.

conexões entre os indivíduos, provocam emoções compartilhadas e quanto mais carregadas de afeto, mais facilmente serão compartilhadas. Um exemplo de sociotransmissores são álbuns de fotografias de família, quando partilhados em um momento de reunião familiar favorecem o compartilhamento de lembranças.

Sob o mesmo ponto de vista, quando realizamos a análise de uma entrevista é importante pensar que quando uma pessoa recuperar uma memória desaparecida ela estará também restabelecendo sua identidade. Nesse sentido, Candau (2011), vai afirmar que a memória é uma “força de identidade”, para ele a relação entre memória e identidade é inseparável, pois se fortalecem reciprocamente. “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”¹⁰

Dessa forma, Candau (2011) afirma que esses dois conceitos se relacionam, portanto, seguindo essa linha de pensamento quando vamos analisar uma narrativa ambos os conceitos precisam ser considerados.

Outro ponto importante abordado por Candau (2011) é que o tempo da lembrança é diferente do tempo vívido, ele vai dizer que quando gostamos muito de um determinado momento teremos a sensação de que ele passou mais rápido, enquanto aquilo que não nos traz alegria e emoções vai parecer mais demorado. Além disso, de acordo com o autor, a memória humana vai ser sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e o outro ensolarado; é feita de adesões e rejeições, consentimentos e negações, de lembranças e esquecimentos.

O conceito de "ilusão biográfica", apresentado por Pierre Bourdieu (1996), sugere que a história de vida não pode ser reconstruída como uma trajetória coerente e linear. Esse conceito foi posteriormente discutido por Candau (2011), que problematiza essa ideia e ressalta aspectos relevantes. Em primeiro lugar, ressalta que ao recordarmos e nos apropriarmos do passado, muitas vezes temos uma tendência a suavizar as memórias, buscando uma visão apaziguadora. Um exemplo disso é quando lidamos com a morte de alguém, deixando de mencionar seus erros e enfatizando apenas os aspectos positivos. Em segundo lugar, o autor destaca que ao construir nossa história, nos envolvemos em uma tarefa arriscada: retrair o que acreditamos ser a totalidade do nosso passado para nos reapropriarmos dele. Nesse processo, podemos criar uma ilusão de nossa biografia, na qual tudo parece se encaixar

¹⁰ CANDAU, 2011, p. 19.

perfeitamente. Para o autor, tanto recordar quanto esquecer é operar uma classificação, na qual buscamos estabelecer uma ordem e criar uma narrativa coerente.

Em suma, a metodologia de história oral temática, conforme a abordagem de Candau, nos convida a refletir sobre a natureza da memória, sua relação com a identidade e as formas como ela é construída, compartilhada e reinterpretada ao longo do tempo. Essa perspectiva crítica nos ajuda a compreender a complexidade e a fluidez da memória, e nos alerta para a necessidade de uma abordagem reflexiva e equilibrada ao lidar com o passado.

6 Relação da memória com a história oral temática

Com o objetivo de analisar referências sobre o uso da história oral, é importante compreender a relação entre memória e oralidade, bem como entender como as memórias são evocadas e reconstruídas. Segundo Thompson (2001), a oralidade e a voz são meios de comunicação acessíveis a todos os seres humanos, o que torna as fontes orais uma maneira de dar voz àqueles que são frequentemente excluídos e marginalizados. Ao buscarmos essas fontes, estamos buscando formas de comunicação específicas que não são ouvidas na mídia e no discurso público. Portelli (2010) corrobora essa ideia, afirmando que a busca por fontes orais é uma maneira de permitir que essas vozes tenham acesso à esfera pública e modifiquem radicalmente essas estruturas.

Nesse contexto, a história oral desempenha um papel fundamental na compreensão de como o passado repercute no presente, contrariando as críticas daqueles que argumentam que ela não deve ser utilizada pelos historiadores, uma vez que as memórias são construídas. Thompson (2001) argumenta que essa restrição se aplica apenas aos que consideram a história oral e a memória como uma fonte literal do que aconteceu no passado. Para o autor, o testemunho oral é uma evidência essencial para analisar o ambiente entre passado e presente, memória e mitologia.

Thompson (2001) também observa que as histórias de vida evoluem ao longo dos anos, passando por diferentes fases. No caso do entrevistado Fred (estudo de caso que Thompson analisou no artigo Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália), suas memórias da guerra e sua identidade como ex-membro das forças armadas passaram por três momentos distintos, cada um deles relacionado aos significados do Anzac (corpo militar australiano e neozelandês durante a Primeira Guerra Mundial) e à sua

identidade subjetiva. Essas fases são descritas e acompanhadas por Thompson (2001) no decorrer do texto, revelando a relação entre os sentimentos e as memórias evocadas por Fred em cada período e as diferentes identidades sociais a que ele desfruta.

O estudo do caso de Fred Farraw evidencia a relação dinâmica entre a memória individual e o mito nacional, demonstrando como a história oral pode ser mais do que apenas "a voz do passado". Por meio da história oral, é possível compreender como e por que as mitologias nacionais funcionam para os indivíduos e para a sociedade como um todo. Além disso, a história oral pode revelar as possibilidades e dificuldades de desenvolver e sustentar memórias de oposição. Com base nessa compreensão, Thomson (2001) conclui que a história oral pode iluminar tanto a memória individual quanto o mito nacional, capacitando os historiadores a lutarem por versões mais radicais do passado e do futuro.

Em suma, a história oral desempenha um papel fundamental na reconstrução da memória, que é fluida e se modifica a cada vez que é revivida. Ao dar voz aos que foram excluídos e marginalizados, a história oral permite uma compreensão mais ampla e crítica do passado e do presente e torna-se uma ferramenta valiosa para compreender a relação entre memória e oralidade. O estudo de casos individuais, como o de Fred Farraw, revela a dinâmica entre memória individual e mito nacional, demonstrando as possibilidades e dificuldades de desenvolver memórias de oposição.

Considerações Finais

Buscou-se discutir e analisar importantes conceitos relacionados à memória, entre eles cumpre destacar a formação das memórias do ponto de vista neurológico, os quadros sociais e as formas de compartilhamento, bem como a importância dos sociotransmissores para a transmissão das memórias, a referência com o tempo e o passado, a justa memória e a teoria do cone da memória foram primordiais para a compreensão da memória pelo ponto de vista da influência que a memória e a identidade possuem nas narrativas pessoais e coletivas.

A teoria do cone da memória e a referência com o tempo e o passado são elementos essenciais para compreendermos como a memória influencia as narrativas. O cone da memória sugere que nossas memórias são mais ricas no presente, enquanto se tornam menos precisas à medida que nos afastamos temporalmente do evento original. Essa referência com o

passado nos permite evocar memórias e construir narrativas que deram significado às nossas experiências.

Além disso, a justa memória, que envolve a busca por uma narrativa equilibrada e precisa, e a importância dos sociotransmissores, como fotografias, cartas e outros objetos carregados de afeto, são destacados como elementos que facilitam o compartilhamento das memórias. Os sociotransmissores despertam emoções compartilhadas e suscitam o imaginário coletivo, confiantes para a transmissão e ativação das memórias.

A abordagem de Halbwachs ressalta a importância dos grupos afetivos na ativação das memórias, enfatizando que as memórias são construídas e moldadas pelo meio do convívio social. Da mesma forma, Ricoeur destaca o papel dos afetos na formação da memória, associando-a à afetação no corpo. Isso indica que as memórias são resultados das experiências vividas e das emoções associadas a elas.

Por fim, é importante reconhecer que as narrativas e as memórias estão em constante atualização. Elas são influenciadas pelo momento vivenciado pelo narrador e podem mudar em diferentes ocasiões, pois são construídas no presente, evocam o passado e também têm demandas e projeções para o futuro ¹¹, assim, pode-se inferir que as narrativas incorporam múltiplas temporalidades e devem ser lidas considerando essa perspectiva de atualização e mudança.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. **Matéria e memória. Da relação entre o corpo e o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CANDAU, Joel. Memória ou metamemória das origens. **Caderno de Letras**, UFPEL, n.37, 2020

¹¹ CANDAU, 2011, p. 63.

_____. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade, **Memória em Rede**:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9564/6415>

_____. **Memória e Identidade**. São Paulo. Contexto, 2011.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social, **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf

HALBSWACHS, Maurice. **Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1950 (A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2003)

_____. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000

IZQUIERDO, I. A.; MYSKIW, J. de C.; BENETTI, F.; FURINI, C. R. G. Memória: tipos e mecanismos – achados recentes. **Revista USP**, [S. l.], n. 98, p. 9-16, 2013. DOI:

10.11606/issn.2316-9036.v0i98p9-16. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69221>.

_____. Memórias. **Estudos históricos [online]**. 1989, vol.3, n.6, pp. 89-112.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer, como pensar**. – 2. Ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, A. História oral e poder. **Mnemosine** Vol.6, n. 02, p. 2-13, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.27-60. https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia

THOMSON, Alistair. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. **Revista História Oral**, São Paulo, v. 4, p. 85-101, junho 2001.